

A inovação parcial na ontologia linguística do *Tractatus* de Wittgenstein

Ralph Leal Heck¹
(UFC – Fortaleza – CE - Brasil)
imagomundi@hotmail.com

Resumo: O *Tractatus* de Wittgenstein ofereceu o ponto de partida para a retomada da discussão sobre a ontologia a partir da dimensão irrenunciável da linguagem. Esta obra tem contribuições inegáveis. Mas, afirmar que Wittgenstein consegue estabelecer uma ontologia consistente com sua própria meta de eliminar os equívocos da tradição e resolver de uma vez por todas os problemas filosóficos seria um erro. Ainda mais, se pensássemos que o filósofo austríaco realiza uma ruptura total com a concepção metafísica da tradição. Para demonstrar isto, vamos apresentar os principais conceitos que se vinculam com a visão de ontologia defendida na obra. Iremos explicitar como esta ontologia se sustenta, que tipo de argumentos e concessões Wittgenstein teve de recorrer para garantir sua mínima consistência e que concepções metafísicas tradicionais subjazem à discussão ontológica. O esclarecimento destes pontos passa pelo paralelismo entre linguagem e realidade, a fundamentação lógico-metafísica e a necessidade de se introduzir um método alternativo para expor os conceitos *a priori* que fundamentam a ontologia. A finalidade deste processo argumentativo é tornar mais clara a contribuição de Wittgenstein com o *Tractatus* à discussão ontológica atual e colocá-lo como uma importante obra de transição da ontologia da tradição para a ontologia contemporânea.

Palavras-chave: Tractatus; Ontologia; Metafísica; *Ad hoc*.

1. Considerações iniciais

Dentre os diversos momentos e correntes do pensamento filosófico do século XX, Ludwig Wittgenstein (Viena, 26 de Abril de 1889 — Cambridge, 29 de Abril de 1951) pertence à tradição analítica e é um dos responsáveis por parte da reviravolta linguística (*linguistic turn*). Esta significa a passagem da centralidade da subjetividade para a centralidade da linguagem como dimensão fundamental da filosofia. O contexto deste momento é influenciado pelo projeto analítico da linguagem, anti-psicologista e logicista universalista iniciado por Frege, Moore e Russell.

O artigo abordará a obra *Tractatus Logico-Philosophicus* [1918] de Wittgenstein. Obra que representa o início do pensamento filosófico de seu autor e que situa-se no fim da primeira grande etapa da reviravolta descrita acima: a busca por uma gramática profunda e pela essência da linguagem. Esta obra é dividida em sete aforismos principais ramificados em sub-proposições, de modo a complementar os aforismos centrais. O objetivo do autor em desenvolver esta argumentação é realizar uma crítica filosófica à linguagem, baseando-se na concepção da forma profunda e pressuposta a toda linguagem descritiva. Crítica esta, que tem

¹Mestrando – UFC.

a finalidade de eliminar os equívocos e os contrassensos do uso descuidado da linguagem. A análise do jovem Wittgenstein o leva ao limite desta crítica ao apontar a linguagem como instância de expressabilidade do real. Uma ontologia linguística, fundamentada na proposição e coordenada por uma forma lógica comum à realidade. Esta postura filosófica é comumente conhecida por “atomismo lógico”.

A motivação central de sua obra são os erros produzidos pela tradição filosófica no emprego indevido da linguagem e na falta de clareza devido à escolha de termos dúbios no discurso. Wittgenstein defende que este campo de problemas metafísicos, aparentemente filosóficos, são apenas tentativas mal sucedidas de compreensão e manipulação da linguagem, o que demanda um trabalho de denúncia de incompreensão de sua lógica. Esta tarefa é denominada “crítica da linguagem” e consiste na atividade de análise e questionamento da correção da sintaxe e da ligação semântico-ontológica entre linguagem e realidade.

A questão que pretendemos apresentar surge ao aplicamos este método sobre a própria ontologia do *Tractatus*. Embora seja trabalhada no início da obra, ela é resultado posterior à aplicação da crítica da linguagem. Fazendo isto, inevitavelmente, a argumentação de Wittgenstein parece sucumbir e conduzir ao inexorável silêncio do último aforismo da obra.

O procedimento desta exposição é mostrar que Wittgenstein parte de três hipóteses *ad hoc* baseadas em três concepções clássicas da metafísica com o objetivo de justificar a ontologia e derivar o restante de suas teorias sobre o mundo, tornando sua teoria da linguagem apenas um exercício iniciático à reviravolta linguística. Para dar cabo desta tarefa vamos dividir o texto da seguinte forma: a proposição; o pensamento; o sentido; a referência²; o fato; o objeto; a teoria da figuração e a sintaxe lógica; a estratégia do mostrar; as hipóteses *ad hoc*; a implicação do silêncio; as concepções clássicas da metafísica e a conclusão.

2. A proposição (*der Satz*)

O tema da proposição tem seu ponto de partida com o esforço de Frege em demonstrar que as sentenças assertóricas dizem respeito ao mundo sem mediações subjetivas. Segundo o

²Algumas traduções preferem utilizar o termo significado ao invés de referência, no que concerne ao trabalho de Frege isto é inquestionável. No caso de Wittgenstein, manteremos *referência* até que sejam expostas as concepções metafísicas pressupostas pelas hipóteses *ad hoc*, a partir daí, o termo *significado*, com uma conotação mentalista passará a substituí-lo, salvo as citações das obras em que o termo *Bedeutung* foi substituído por *significado* pelos tradutores.

filósofo, o sentido (*Sinn*) e a referência (*Bedeutung*) são os principais componentes das sentenças. O sentido é a forma de apresentação da sentença e a referência é aquilo que é denotado pela sentença. Por exemplo, “a estrela da manhã” e “a estrela da tarde” têm sentidos diferentes, mas possuem a mesma referência, o planeta Vênus. Com esta classificação foi possível afirmar que a linguagem alcança (*grasp*) o mundo real e permite que tenhamos acesso às verdades publicamente, isto é, independente de disposições subjetivas. Este posicionamento filosófico é comumente denominado de anti-psicologismo. E por psicologismo, podemos entender como uma corrente epistemológica que relativiza o conhecimento, fundamentando-o a partir de juízos situados na experiência privada de cada sujeito.

Seguindo os passos de Frege, Wittgenstein assume o acesso ao mundo através da linguagem, partindo da afirmação de que a linguagem possui uma dimensão lógico sintática que projeta sobre o mundo uma estrutura e uma dimensão semântica que conecta cada componente da proposição (nome) à um elemento da estrutura projetada sobre o mundo. Esta estrutura é a própria lógica e ela configura tanto o mundo, quanto a linguagem³. A linguagem, por sua vez, é entendida como o conjunto das proposições com sentido. Embora este componente se pareça com o componente da proposição em Frege, ele exerce um papel bem diferente no *Tractatus*. Enquanto para Frege, o sentido é o “modo de apresentação” da proposição, para Wittgenstein, o sentido é a relação projetiva da linguagem sobre o mundo. A proposição, por sua vez, é composta por nomes e uma forma lógica. Os nomes devem corresponder a objetos em uma relação um a um. Se isto ocorre, dizemos que todos os nomes da proposição possuem referência. Se a forma lógica da proposição estiver de acordo com as possibilidades de concatenação dos objetos, ela descreve um fato possível. Wittgenstein também faz distinção entre níveis de complexidade das proposições da linguagem. As proposições podem ser complexas ou simples. Chegamos às proposições simples por meio da análise lógica das proposições complexas. Isto significa que chegamos às proposições complexas ligando logicamente proposições simples. E o que há em comum a todas as linguagens que nos permite expressar sobre o mundo, Wittgenstein chama de pensamento.

³Frege e Russell elaboraram formas diferentes de resolver esta demanda por uma realidade objetiva. Mas, o importante para nós é lembrar que todos eles utilizam a proposição como instrumento de acesso ao real, que a lógica é o caminho de acesso aos entes e que este acesso está objetivamente assegurado pela lógica de nossa linguagem.

3. O pensamento (*der Gedanke*)

Seguindo uma orientação fregeana, Wittgenstein define a proposição baseada em três concepções: o conteúdo judicável⁴, a sentença declarativa⁵ e o pensamento⁶. A respeito destes três componentes proposicionais, a tradição analítica, em especial Frege, organiza as sentenças em razão de seu “conteúdo judicável”. Por exemplo, “A casa está em chamas.”, “a casa está em chamas?” e “A casa está em chamas!” expressam uma condição comum que podemos descrever como “a circunstância da casa estar em chamas”⁷. Para Wittgenstein, isto é *o pensamento* na medida em que a “*circunstância de*” é expressa em sentenças declarativas “a casa está em chamas” ou “the house is on fire” ou “La casa está em llamas”. A proposição, desse modo, é entendida como a sentença declarativa que expressa o que há em *comum* com todas as sentenças que se referem a um determinado pensamento. Se nos depararmos com duas sentenças “Is the house on fire?” e “das Haus steht in Flammen” dizemos que estas sentenças expressam o mesmo conteúdo judicável, mas, apenas a segunda sentença, expressa o *pensamento* “a circunstância da casa estar em chamas” e também a proposição que descreve um *estado de coisas* que diz “é o caso que a casa está em chamas”. A diferença entre Wittgenstein e Frege surge quando o primeiro passa a considerar o sentido (*Sinn*) e a referência (*Bedeutung*) não mais como “modo de apresentação” e o “objeto mesmo”, mas como a “descrição da circunstância de configuração da proposição” e a “relação um a um dos elementos da proposição com os elementos da realidade”, quando estes dois componentes ocorrem em uma proposição, dizemos que ela expressa um pensamento, pois “o pensamento é a proposição com de sentido”⁸.

4. O sentido (*Sinn*)

O sentido é a expressão de uma forma válida dos elementos da proposição organizados em seu interior. Esta forma é entendida como configuração dos nomes na proposição.

4O conteúdo semântico comum ao emprego diverso da mesma sentença é a descrição da circunstância que permite o juízo da proposição e, por consequência, atribuição de valores de verdade (os *types*).

5A estrutura proposicional pressuposta a qualquer apresentação sentencial (o aspecto fático da proposição) (os *tokens*).

6O elemento em comum à ocorrência de conteúdos semânticos comuns às sentenças de linguagens contingentes diversas, o aspecto universal lógico da proposição.

7PINTO, 1998, p.145.

8WITTGENSTEIN, 1922, aforismo 4

Wittgenstein diz que o sentido é independente do tipo de sentença que usamos para expressá-la. Uma vez que o sentido está contido na própria configuração dos sinais simples que compõem a sentença. Por exemplo, quando dizemos: “a casa está em chamas” dizemos algo que é ser compreendido independente do idioma. Ela o faz independente do meio propagado, seja um cartaz, um sms, uma sentença proferida, etc. E é a partir da validade desta configuração que podemos verificar se a proposição *pode corresponder* ao fato ou não. Ou melhor, se a proposição é válida ou inválida. Mas, como saber? A primeira exigência é de que os elementos do pensamento devam corresponder aos sinais simples empregues na proposição, a segunda exigência é que a possibilidade de combinação destes sinais deve corresponder à possibilidade de combinação dos objetos em um fato possível. Assim, Wittgenstein defende a teoria da determinação do sentido. Este deve já estar determinado na *possibilidade* da proposição, logo, é intrínseca à proposição com sentido a pretensão de representar um fato verdadeiro ou falso. Isto implica que toda proposição que tenha sentido é *sempre* uma asserção acerca da *possibilidade* de estado de coisas⁹. Mas, como vimos, há a necessidade anterior de correspondência entre sinal simples (nome) e objeto para que a proposição tenha sentido e a isto, Wittgenstein chama de referência.

5. Referência (*Bedeutung*)

Para Wittgenstein, referência é quando um nome está para um objeto¹⁰. Ela diz respeito à relação “um a um” dos componentes da *proposição elementar* com os componentes do *fato atômico*. Mas por que proposição “elementar” e fato “atômico”? Os componentes da proposição elementar são os nomes e eles tem como referência os objetos. Esta teoria da proposição elementar permite criar a imagem (*Bild*) do fato atômico. De modo que os nomes projetem o objeto, através de sinais simples (*tokens*)¹¹, “O nome significa (*bedeutet*) o objeto. O objeto é seu significado (*Bedeutung*). (‘A’ é o mesmo sinal (*Zeichen*) que ‘A’.)”¹² e “o sinal proposicional é um fato”¹³. Os sinais simples são a contraparte fática, os componentes significantes necessários para a expressão da referência da proposição e também do seu

⁹*Op. Cit.*, aforismos 4.16; 3.144; 4.064; 4.063; 4.021; 4.022.

¹⁰Cf. *ibidem*, aforismo 3.203 e 3.22.

¹¹*Ibidem*, aforismo 3.202 e 3.22.

¹²*Ibidem*, aforismo 3.203.

¹³*Ibidem*, aforismo 3.14.

sentido, já que “só fatos podem exprimir um sentido”¹⁴. Este caráter de relação [nome - sinal simples (sinal proposicional) – objeto] constitui o que na terminologia do *Tractatus* chamamos de símbolo (*Symbol*), esta relação simbólica permite aferir a relação um a um dos nomes com os objetos, pois os nomes, enquanto sinais simples pertencem, também, ao domínio fático. Mas como se constitui este domínio?

6. O fato (*Tatsache*)

Wittgenstein faz uma distinção interessante quanto à classificação dos fatos em sua ontologia. Há cinco perspectivas de abordagem dos fatos: os fatos complexos, os fatos atômicos, os fatos possíveis, os fatos positivos e os fatos negativos. Os fatos complexos e os fatos atômicos são classificados segundo a análise da linguagem. Os fatos possíveis dizem respeito à exigência de sentido da proposição, toda proposição com sentido deve exprimir um fato possível. No nível fático da proposição, segundo nossa observação da exigência dos sinais proposicionais, se substituirmos o termo “expressão da proposição” por “sinais simples fáticos” (tokens) vemos que eles descrevem um fato possível. Portanto, a possibilidade de descrição de fatos possíveis está assentada na manipulação de fatos que criam modelos (*Modell*) de fatos possíveis, tal como uma maquete que descreve uma possível cena. O caso dos fatos positivos e fatos negativos, é uma resposta lógico-ontológica à bipolaridade proposicional que diz: uma proposição falsa descreve um estados de coisas que não é o caso, um fato negativo e uma proposição verdadeira descreve um estado de coisas que é o caso, um fato positivo. É a partir desta definição que Wittgenstein obtém o conceito de mundo: “o mundo é tudo o que é o caso”¹⁵ e o conceito de realidade que são todos os fatos possíveis, isto é, todos os fatos positivos e fatos negativos: “a existência e inexistência de estados de coisas é a realidade (*Wirklichkeit*)”¹⁶.

7. O objeto (*der Gegenstand*)

A concepção de objeto participa da caracterização ontológica como uma condição de possibilidade para a composição dos fatos: “A configuração dos objetos constitui o estado de

¹⁴*Ibidem*, aforismo 3.142.

¹⁵*Ibidem*, aforismo 1.

¹⁶*Ibidem*, aforismo 2.06.

coisas.”¹⁷, ele “é o fixo, subsistente; a configuração é variável, instável”¹⁸, já que “o fixo, o subsistente e o objeto são um só”¹⁹. Até aqui, podemos observar uma clara delimitação entre conteúdo e forma na ontologia tractatiana. Esta questão ganha contornos mais difusos na medida em que vamos adicionando proposições como “a substância é o que subsiste independente do que seja o caso”²⁰ e “os objetos, só posso nomeá-los. Sinais substituem-nos. Só posso falar sobre eles, não posso enunciá-los. Uma proposição só pode dizer como uma coisa é, não o que ela é”²¹. Isto quer dizer que, entre todas as configurações possíveis de fatos, a única coisa em comum é o que subsiste em cada um deles, os objetos e, da mesma forma, sua contraparte linguística: “o nome não pode ser desmembrado por meio de uma definição: é um sinal primitivo”²². Wittgenstein parece indicar os constituintes da ontologia ao mesmo tempo em que se protege de uma análise *ad infinitum*. Os objetos existem, mas o que são não é possível dizer. Se o fizéssemos, retornaríamos aos estados de coisas. Entretanto, qual o propósito de dizer que é a *configuração* dos objetos que constitui o estado de coisas? É, justamente, o que veremos no próximo item.

8. A teoria da figuração e a sintaxe lógica

Wittgenstein elabora como explicação para a correspondência entre linguagem e realidade a teoria da figuração. É ela quem fundamenta a capacidade da linguagem em criar modelos efetivos, sem mediações subjetivas ou cognitivas de fatos possíveis. Quando ele afirma: “figuramos os fatos”²³ e “a proposição só enuncia algo na medida em que é uma figuração”²⁴, vemos que a figuração cria um molde dos fatos por meio da linguagem. O filósofo se utiliza dos pontos que vimos acima: a) as proposições são compostas e só elas possuem sentido; b) os nomes são simples e pressupostos; c) toda proposição com sentido é bipolar; d) os fatos são o ponto de partida e de chegada da figuração; e) a relação entre proposição e fato se dá pela *possibilidade* dos estados de coisas e seus componentes. Mas, em

17 *Ibidem*, aforismo 2.0272.

18 *Ibidem*, aforismo 2.0271.

19 *Ibidem*, aforismo 2.027.

20 *Ibidem*, aforismo 2.024.

21 *Ibidem*, aforismo 3.221.

22 *Ibidem*, aforismo 3.26.

23 *Ibidem*, aforismo 2.1.

24 *Ibidem*, aforismo 4.03.

que se fundamenta esta teoria que Wittgenstein chama de “quadro vivo”²⁵? A condição é a seguinte: “a proposição só é uma figuração da situação na medida em que é logicamente articulada”. Logo, cabe à articulação lógica a condição de correspondência entre linguagem e realidade. Esta condição de correspondência é o que Wittgenstein chama de *forma lógica*, ela é o que há em comum entre proposição e fato. Quando falamos dos objetos no item anterior, vimos que ele era o fixo. A forma lógica, por sua vez, é a configuração variável e instável que organiza os objetos. Da perspectiva destes, “cada coisa está como que num espaço de possíveis estados de coisas”. Este “espaço” é o conjunto de possibilidades que o objeto tem para fazer parte dos estados de coisas, e estas possibilidades não são excludentes, pois “os estados de coisas são independentes uns dos outros”²⁶. O mesmo vale para a linguagem, que tem os nomes em correspondência com os objetos e a proposição elementar com os estados de coisas.

A observação que “a figuração lógica dos fatos é o pensamento”²⁷ e “o pensamento é a proposição com sentido”, parece esclarecer que o pensamento possui um componente formal que liga as proposições aos fatos. Wittgenstein classifica este componente como a relação interna entre as dimensões da linguagem e do mundo²⁸. Se considerarmos que “não podemos pensar nada de ilógico, porque, deveríamos pensar illogicamente”²⁹ então significa que a lógica tem um forte papel que sustenta tanto as possibilidades dos fatos, quanto as próprias regras de composição da linguagem. Ora, se a proposição exprime um pensamento em sua relação projetiva com o mundo e um pensamento é uma figuração lógica de um fato, então, existem regras lógicas para a construção de proposições (elementares ou complexas) de modo a apresentar como as coisas estão e como cada um de seus componentes está relacionado entre si. É esta sintaxe lógica que estrutura a descrição da realidade pela figuração. Entretanto, Wittgenstein parece ter problemas em explicar esta projeção. A sentença *atua como* uma figura (*Bild*). Mas, ela não poderia sê-lo já que os traços gramaticais e semânticos não se aplicam a uma fotografia do mesmo modo que as figurações tractatianas podem ser objetos de linguagens correntes ou notações ideais. Há uma questão subjacente a isto, que diz respeito aos limites de exposição da linguagem como um todo, das próprias regras da linguagem.

25 *Ibidem*, aforismo 4.0311.

26 *Ibidem*, aforismo 2.061.

27 *Ibidem*, aforismo 3.

28 Cf. *ibidem*, aforismo 4.014.

29 *Ibidem*, aforismo 3.03.

9. A estratégia do mostrar

Vimos que há em comum, entre a proposição e o fato, uma estrutura lógica, ou melhor, uma *forma lógica*. Como é possível Wittgenstein falar deste tema a partir dos aforismos de sua obra, quando ele mesmo diz: “A proposição pode representar toda a realidade, mas não pode representar o que deve ter em comum?”³⁰ Uma resposta possível seria: “o que se espelha na linguagem, esta não pode representar. O que se exprime na linguagem, nós não podemos exprimir por meio dela. A proposição mostra a forma lógica da realidade. Ela a exhibe”³¹. Isto demonstra que há dois métodos de exposição dos temas no *Tractatus*: aquilo que podemos descrever (*dizer*) e aquilo que só podemos espelhar na linguagem (*mostrar*). Ora, por definição, o que não pode ser representado fora da linguagem, só podem ser as condições de possibilidade dela mesma³² ou o que é inefável³³. Por extensão, as condições de possibilidade e o inefável da realidade. É a partir desta diferença entre o que é possível ser enunciado pelas proposições e aquilo que se espelha nelas, que se apresentam as hipóteses *ad hoc*.

10. As hipóteses *ad hoc*

De modo geral, as afirmações *ad hoc* são criadas para uma finalidade específica, visando solucionar problemas de consistência em uma teoria, em especial, quando os teoremas levam a algum paradoxo ou indefinibilidade. Wittgenstein parte de três afirmações deste gênero as quais visam solucionar a ontologia decorrente de sua crítica da linguagem.

a) A forma comum entre proposição e fato: a forma lógica

A forma lógica é o critério de identidade de uma proposição e, também, o que torna possível sua comparação com os fatos. Ela não pode ser objeto de nenhuma proposição, já que incorreríamos em uma descrição a partir de uma função de si mesma. A hipótese *ad hoc* consiste na afirmação da existência da forma lógica para todas as proposições que sejam isomórficas à realidade³⁴.

b) Os objetos.

Como vimos no item 2.1 eles são o subsistente, não podem ser tematizados a não ser

³⁰*Ibidem*, aforismo 4.12.

³¹*Ibidem*, aforismo 4.121.

³²*Ibidem*, aforismo 3.332.

³³*Ibidem*, aforismo 6.522.

³⁴*Ibidem*, aforismo 4.022.

que se encontrem articulados no contexto dos estados de coisas. Segundo nossa interpretação, o alcance máximo que podemos ter ao falarmos sobre eles é entendê-los como locais de ocorrência no interior da proposição. Isto é, como possibilidades de possibilidades. Mas, como “não há um objeto particular que seja próprio das proposições de probabilísticas”³⁵, estes objetos podem ser apenas mostrados no interior das funções proposicionais. A existência deles é uma hipótese *ad hoc* que garante conteúdo à multiplicidade lógica da realidade.

c) A referência dos sinais.

Quando Wittgenstein afirma que “O nome significa o objeto. O objeto é seu significado. (“A” é o mesmo sinal que “A”)”³⁶, ele parte de uma estipulação referencial mais ou menos da seguinte forma: se os elementos da proposição estão coordenados um a um com os elementos do fato para formar a figuração, então cada elemento de um conjunto deve corresponder biunivocamente ao elemento do outro conjunto, inclusive em suas propriedades. Este pressuposto, não pode ser descrito, apenas mostrado, “(...) as definições mostram o caminho. Nomes não *podem* ser dissecados por definições. (Nenhum sinal que tenha significado por si só)”³⁷. Se considerarmos esta passagem juntamente com o “*Grundgedanke*” (ideia básica – *fundamental thought*) do *Tractatus*: “A possibilidade da proposição repousa sobre o princípio da substituição de objetos por sinais. Minha ideia básica é que as ‘constantes lógicas’ não substituem; que a lógica dos fatos não se deixa substituir”³⁸, chegaremos a uma interessante observação: a análise da linguagem decompõe as proposições complexas até que somente restem proposições elementares e como “não existem objetos lógicos”, estas não podem ser decompostas pela análise restando apenas a atividade de substituição. E isto não é possível explicar, i.e. dar definições. Obviamente, trata-se de uma hipótese *ad hoc* da garantia de que os nomes e os sinais primitivos signifiquem os objetos.

11. A implicação do silêncio

O modo de exposição do *Tractatus* nos dá uma boa pista e ponto de partida para entendermos o papel das hipóteses *ad hoc*. A primeira consideração é o formato em aforismos e suas enumerações. Podemos dividir a sequência de aforismos centrais entre os seguintes

³⁵*Ibidem*, aforismo 5.1511.

³⁶*Ibidem*, aforismo 3.203.

³⁷*Ibidem*, aforismo 3.261

³⁸*Ibidem*, aforismo 4.0312.

tópicos: 1 e 2 sobre os fatos; 3 e 4 sobre o pensamento; 5 e 6 sobre a proposição e o último a conclusão. Conclusão esta, que é enunciada já no prefácio: “Poder-se-ia talvez apanhar todo o sentido do livro com estas palavras: o que se pode em geral dizer, pode-se dizer claramente; e sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar”³⁹. O aforismo último é justamente este silêncio. Um silêncio que resulta de uma obra composta por hipóteses, corolários e deduções que somadas à visão da verdade lógica como tautológica e destituída de sentido, arremessam o leitor ao inexorável silêncio. Se pensarmos as definições do *Tractatus* como axiomas, fica evidente que os corolários e teoremas são toda a extensão de deduções da obra. Mas, para Wittgenstein, o sistema axiomático é tautológico, e, portanto, independente de quais proposições são consideradas axiomas. Por esta razão ele afirma: Minhas proposições elucidam dessa maneira: quem me entende acaba por reconhecê-las como contra-sensos, após ter escalado através delas – por elas – para além delas (deve, por assim dizer, jogar fora a escada após ter subido por ela) (WITTGENSTEIN, 1922, aforismo 6.54).

O que não está dito nestas palavras, que antecedem o aforismo 7, pode ser visto nas bordas deste constructo lógico que é o *Tractatus*. Por mais que a estrutura da obra leve à autofagia argumentativa, o filósofo deve estar comprometido com certas concepções que ele buscou *mostrar* em suas proposições. As hipóteses ad hoc são as janelas deste edifício que nos permitem ver a paisagem lá fora e nela, um cenário já bem conhecido: a metafísica clássica.

12. As concepções clássicas da metafísica

Embora Wittgenstein tenha contribuído com o *Tractatus* enormemente para a mudança do eixo de discussão da filosofia da subjetividade para a filosofia da linguagem com a construção de uma ontologia baseada na proposição e na lógica, suas concepções metafísicas pecam por derivarem de concepções tradicionais de “coisa” e de “sujeito”. As mesmas que parecem ser criticadas na obra. Vamos dividir nossa exposição em três tópicos: a concepção dual entre essência e forma, a natureza mentalista do significado e a concepção metafísica de sujeito e mundo.

a) A concepção dual entre essência e forma.

A concepção tradicional de essência e forma surge no *Tractatus* através da comparação

³⁹*Ibidem*, prefácio p.131.

entre as hipóteses *ad hoc* do objeto e da forma lógica. Quando Wittgenstein emprega o termo subsistente (*Bestehende*)⁴⁰ e diz que para conhecer o objeto é preciso conhecer todas as propriedades internas⁴¹ e só no contexto da proposição um nome tem significado⁴², e o objeto é o simples, a substância do mundo⁴³, Wittgenstein contra seu próprio critério nos fala sobre uma essência indeterminada que ganha determinação na medida em que é enformada, enquadrada, pelas relações internas da estrutura lógica do estado de coisas. Ora, isto nada mais é que um platonismo linguístico mediado pela teoria dos modelos de Hertz. Wittgenstein herdou do físico o emprego do termo *Darstellung*⁴⁴ no nível elementar. Na terminologia de Hertz o *Darstellung* é uma apresentação modelar que contém a mesma multiplicidade lógica do sistema que se pretende descrever. Do mesmo modo que Hertz⁴⁵ define estes sistemas como condição de possibilidade para a definição *a priori* de partículas, entendidas por ele como pontos de coordenada, Wittgenstein estabelece o espaço lógico como o pano de fundo para se falar dos objetos e estes, que só podemos conhecer como possibilidades de ocorrência, são locis lógicos que nada nos oferece de conhecimento ontológico. Isto acarreta em um dualismo entre a lógica e, por assim dizer, a substância do mundo, o indeterminado.

b) A natureza mentalista do significado

Como vimos no item sobre a referência dos sinais, a afirmação da relação um a um dos nomes e dos objetos é bastante arbitrária. Segundo Hacker, Wittgenstein supõe “que esta tal correlação deva ser o resultado de algum ato mental de referência ou da intenção de uma certa palavra significar um objeto que se tenha em mente”⁴⁶. Esta afirmação ganha concordância se observarmos a conjunção das seguintes passagens: “(...) O método de projeção é pensar o sentido da proposição”⁴⁷ e “O pensar é uma espécie de linguagem”⁴⁸. A função de biunivocidade entre significante e significado, então, deixaria de ser objetiva no sentido de acessibilidade pública e passaria a ter sua origem em uma “psicologia cognitiva”

40 *Ibidem*, aforismo 2.0271.

41 *Ibidem*, aforismo 2.01231.

42 *Ibidem*, aforismo 3.3.

43 *Ibidem*, aforismo 2.021.

44 PINTO, 1998, p.131.

45 BIZARRO, 2010, p.150-165.

46 HACKER, 1989, p.73 (tradução livre do autor).

47 WITTGENSTEIN, *op. cit.*, aforismo 3.11.

48 WITTGENSTEIN, 1914-1916, p.122.

baseada na linguagem privada do pensamento⁴⁹. Esta doutrina do significado subjacente à teoria pictórica é quem dá vida aos sinais. Logo, estes também são afetados por esta arbitrariedade, afinal, uma das propostas do *Tractatus* é a elaboração de uma notação ideal⁵⁰, uma que possa minimizar os erros de designação como acontecem na linguagem corrente⁵¹. Ora, se a teoria do significado é baseada em uma atividade subjetiva, então é certo que deve haver uma definição para o sujeito desta atividade.

c) A concepção metafísica de sujeito e mundo.

Segundo Margutti⁵², Glock⁵³, Hacker⁵⁴ e tantos outros, a influência de Schopenhauer sobre o filósofo austríaco é inegável. Quando Wittgenstein afirma a condição do sujeito como transcendental, ele o coloca como coextensivo à realidade e, ao mesmo tempo, como condição de possibilidade de significação da essência do mundo. Esta tentativa de conciliar o solipsismo e o realismo resulta em uma leitura transcendental do sujeito e da indeterminabilidade dos objetos. Nesta visão, o sujeito seria o conceito aglutinador que coordena os fatos (positivos e negativos) para formar a realidade e podemos perceber que a partir disto ocorre uma mútua dependência entre sujeito e mundo, tal como argumenta Schopenhauer⁵⁵, na medida em que afirma a co-originariedade entre sujeito e objeto⁵⁶. Isto se justifica nos seguintes aforismos do *Tractatus*: “Os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo”⁵⁷ e “Eu sou o meu mundo (o microcosmos)”⁵⁸. Deste modo, o sujeito injetaria significado aos objetos, que de outro modo são apenas como pontos, formando uma rede de significados que se organiza logicamente em estado de coisas, a rede não tem, por assim dizer, um centro gravitacional⁵⁹, tampouco uma hierarquia de significados, mas possui o limite análogo ao do campo visual e o olho⁶⁰, que seria então “o eu filosófico (...) o sujeito

49HACKER, *op. cit.*, p.75.

50WITTGENSTEIN, *op. cit.*, aforismo 3.325.

51Ibidem, aforismo 3.323.

52PINTO, *op. cit.*, pp.55-60 e 79-80.

53GLOCK, 1998, p.339.

54HACKER, *op. cit.*, 81-90.

55Cf. SHOPENHAUER, 1819, livro I, §5.

56Schopenhauer não pensa que um seja causa do outro, mas que ambos adquirem seu status de diferença simultaneamente.

57WITTGENSTEIN, *op. cit.*, aforismo 5.6.

58Ibidem, aforismo 5.63.

59Cf. Ibidem, aforismo 5.64

60Cf. Ibidem, aforismo 5.6331

metafísico, o limite – e não uma parte – do mundo”⁶¹. Para isto, Wittgenstein pressupõe a metafísica transcendental reinterpretada por Schopenhauer. Se entendermos que a busca pelo “ente enquanto tal” era a tônica na metafísica clássica e a investigação pelas “condições de possibilidade do conhecimento dos entes” era a tônica da metafísica de Kant. Wittgenstein parece buscar um equilíbrio, mais ou menos ao modo de Schopenhauer, colocando os entes em um contexto lógico (no sentido de Hertz) e semântico (a partir do significado dado pelo sujeito metafísico). Ainda que esta organização signifique uma mudança do eixo temático da filosofia, isto não significa que seja uma reforma nas concepções tradicionais da metafísica, apenas que à dimensão da linguagem foi dada a função primordial de delimitar o que pode ser ostensivamente tematizado, o que poder ser analogamente espelhado e o que não se pode exprimir.

13. Considerações finais

Os resultados obtidos pelo *Tractatus* influenciaram enormemente diversas correntes da filosofia. Desde o positivismo lógico, com a absoluta descritibilidade fenomênica da linguagem, a filosofia analítica em geral, devido ao método filosófico e, até mesmo, alguns hermeneutas com a perspectiva quase fenomenológica do *mostrar* e o indeterminado da substância do mundo. Mas, em especial, os filósofos que buscam retomar a importância da ontologia como elemento central da metafísica a partir da perspectiva irrenunciável da linguagem.

Os problemas apresentados como consequência das hipóteses *ad hoc*, tiveram por meta deixar claro que o *Tractatus*, embora crucial para a primeira etapa da reviravolta linguística, ainda se encontra fortemente ligado às influências da tradição filosófica substancialista e subjetivista transcendental. A ponto de nos fazer perguntar a que preço Wittgenstein se opôs ao programa logicista de Frege e Russell. Assim, a proposta deste artigo é defender que a obra deve servir apenas como ponto de partida e condição mínima de reflexão do vasto campo da filosofia da linguagem hodierna, em especial a relação entre linguagem e ontologia. Deste modo, podemos dizer que a obra apenas fornece um panorama e uma reflexão heurística da perspectiva irrenunciável da linguagem. Pois, depois de tê-la compreendido, podemos-la jogar fora, tal como a escada após ter subido por ela e “ver o mundo corretamente”.

61 *Ibidem*, aforismo 5.641.

Referências:

BIZARRO, Sara. *A hertzian interpretation of Wittgenstein's Tractatus*, Eidos, Barranquilla, n.13, p.150-165, nov., 2010.

FREGE, Gottlob. *Sobre o Conceito e o Objeto e Sobre o Sentido e a Referência*, [1892]. Tradução brasileira: Paulo Alcoforado. São Paulo: Edusp, 2009.

GLOCK, Hans-Johan. *Dicionário de Wittgenstein*. Tradução: Helena Martins; revisão técnica, Luiz Carlos Pereira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

HACKER, P.M.S. *Insight and Illusion: Themes in the Philosophy of Wittgenstein*, [1989]. Bristol: Oxford Press, 1997.

HINTIKKA, Merrill B. & Jaakko. *Uma investigação sobre Wittgenstein* [1986]. São Paulo: Papyrus, 1994.

JUBIEN, Michael. *Contemporary Metaphysics: An Introduction*. Cambridge: Blackwell, 1998.

OLIVEIRA, Manfredo A. de, *Reviravolta Linguístico-Pragmática na Filosofia Contemporânea* [1996]. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2006,.

PETERSON, Donald. *Wittgenstein Early Philosophy: Three Sides of the Mirror*, Toronto and Buffalo: University of Toronto Press, 1990.

PINTO, Paulo Roberto Margutti. *Iniciação ao Silêncio: Análise do Tractatus de Wittgenstein*. São Paulo: Loyola, 1998.

RICKETTS, Thomas. *The Cambridge Companion to Wittgenstein* [1996]. New York: Press Syndicate of the University of Cambridge.

RUSSELL, B. ; WHITEHEAD, A. N. *Principia Mathematica*, Londres: Cambridge University Press, 1910.

SCHOPENHAUER, Arthur. *The World as Will and Representation* [1818], Vol. I, Tradução inglesa: Judith Norman, Alistair Welchman e Christopher Janaway. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Lógico-Philosophicus*, [1922]. Tradução brasileira: Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Edusp, 2010.

_____. *Cadernos 1914-1916*, Tradução portuguesa: Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 2004.

_____. *Notes on Logic* [1913], *in* *Cadernos 1914-1916*, Apêndice I.

The partial innovation in the linguistic ontology of Wittgenstein's *Tractatus*

Abstract: The Wittgenstein *Tractatus* has offered the starting point for the resumption of discussion about ontology from the undeniable dimension of language. This work has significant contributions. However, asserting Wittgenstein can establish a consistent ontology with his own goal on eliminating misunderstandings of tradition and settle once and for all philosophical problems would be a mistake. Even more, if we think the Austrian philosopher makes a total break with the metaphysical conception of tradition. To demonstrate that, we present the main concepts that are linked with the defended vision of ontology in this work. We will explain how this ontology sustains itself, what kind of arguments and concessions Wittgenstein had to resort to ensure its minimal consistency and which traditional metaphysical views underpinning the ontological discussion. The elucidation of these points dwells the parallelism between language and reality, the logical-metaphysical reasoning and necessity of introducing an alternative method to expose prime concepts that underlie the ontology. The purpose of this argumentative process is to clarify the contribution of Wittgenstein's *Tractatus* on the ontological discussion today and place it as an important transitional work from the tradition ontology to contemporary ontology.

Keywords: *Tractatus*; Ontology; Metaphysics; *Ad hoc*.

Data de registro: 10/12/2011

Data de aceite: 08/03/2012